



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editorka*

## Prefácio

Ulisses Razzante Vaccari  
Thiago Kistenmacher Vieira  
Gabriel Debatin

**Como citar:** VACCARI, U. R.; VIEIRA, T. K.; DEBATIN, G. Prefácio. *In:* VACCARI, U. R.; VIEIRA, T. K.; DEBATIN, G. **Cinesofia**: a sétima arte em devaneio. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. 7-10.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-222-2.p7-10>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# PREFÁCIO

A necessidade de se pensar o cinema do ponto de vista da filosofia está vinculada à urgência de reconquista do sentido mais fundamental do filme na vida contemporânea. Decorridos mais de um século depois da invenção do cinema, é possível dizer, sem maiores rodeios, que o filme, de um modo geral, caiu nos últimos tempos em uma espécie de crise. É como se, passados mais de cem anos das primeiras experiências cinematográficas, a pergunta pela essência do cinema se fizesse mais urgente do que nunca.

Uma das questões muito levantada recentemente se refere à invenção das chamadas plataformas de *streaming*, como *Netflix*, *Mubi* e outras, que, para além de simplesmente reproduzirem filmes no conforto das residências burguesas, passaram também a *produzir* filmes. Diante deste fato, perguntou-se efetivamente se essas novas produções não acarretariam uma transformação na essência mesma do filme, já que seu lançamento não necessitaria mais da sala de cinema, mas apenas do aparelho situado na residência do espectador. Em última análise, é possível dizer que, a partir dessa transformação, o cinema deixou para trás sua própria história, tendo abandonado a projeção em grandes salas e em grandes telas, apinhadas de espectadores sedentos pela projeção. Marco dessa transformação – da tela para a TV – foi o lançamento de *The Irishman* [*O Irlandês*], de Martin Scorsese, em 2019, exclusivamente por meio da plataforma *Netflix*.

Longe de se referir apenas à forma do filme, tal transformação atinge o cinema naquilo que ele possui de mais essencial: sua linguagem. O fato

de o filme não ser mais produzido para a sala de cinema e para a tela de cinema altera consideravelmente seu modo próprio de comunicação. De algum modo, o espectador das salas de cinema predispunha-se a dedicar sua atenção ao filme durante toda a transmissão e, por mais que houvesse aqui e acolá certas distrações, a obra de arte era apreendida e fruída pelo público em sua totalidade. Com os filmes produzidos por plataformas de *streaming* e reproduzidos nos aparelhos domésticos (televisores, computadores, *tablets* e celulares), já não se pode dizer o mesmo. Detentor do pequeno poder conferido pelo controle remoto, pelo *mouse* ou pela tela de toque, o espectador defronta-se constantemente com a possibilidade de interromper o curso da película que, muitas vezes, é assistida ao longo de muitos intervalos de tempo, aprofundando e ao mesmo tempo correspondendo a uma incapacidade de concentração, que muitos filósofos atribuem à própria estrutura da vida moderna e pós-moderna.

Diante desse cenário, não é exagero supor que o cinema atual veja-se aos poucos obrigado a satisfazer essa necessidade de uma nova linguagem criada por essas plataformas. Mesmo os filmes que escapam à chamada indústria cultural se verão aos poucos adaptados a esse novo formato, que tende a se tornar definitivo em eras pandêmicas, como a nossa. Em vez da concentração e do exercício da reflexão, o novo formato tende a propiciar narrativas fragmentárias, carentes de uma unidade mais profunda e mais filosófica. Nesse sentido, já não se distingue mais entre o cinema e a chamada série, que se estende novelisticamente em episódios a perder de vista, tendo como objetivo prender o espectador o maior tempo possível diante da tela sem que lhe sobre tempo para pensar e refletir. Se o filme se reduz aos poucos à tela doméstica e privada, ao formato da série e mesmo ao hábito da rede social, como dizer que ainda há cinema, tal como ele surgiu no final do século XIX?

Para respondê-lo minimamente, cumpre antes colocar a questão: o que é, afinal, o cinema? Em que consiste afinal sua linguagem e como ela se relaciona com sua forma específica, da montagem? O que a história do cinema, passando pelos seus mais variados representantes, desde seu surgimento até hoje, nos ensina? Eis as indagações que levaram à organização do presente livro, constituído de ensaios das mais distintas

tendências, todas elas ligadas, no entanto, ao pano de fundo mais abrangente da filosofia. Mesmo que um ou outro ensaio proponha uma análise mais empírica de um determinado filme, seus autores jamais traem sua proveniência e sua formação filosófica, buscando sempre transcender a simples análise técnica dos elementos da película. É nesse sentido que se optou pelo título *Cinesofia: a sétima arte em devaneio* (?), apontando assim ironicamente para a tarefa do filósofo que – por que não? –, por vezes, consiste em deslocar a lógica própria das coisas, conferindo-lhes um olhar, digamos, às avessas.

É possível, e mesmo provável, que as questões acima tenham como alvo não apenas o cinema e a obra de arte de forma geral, mas a própria vida atual. Ao nos perguntarmos sobre os efeitos da tecnologia no cinema, pressupomos que já esteja de algum modo respondida a questão dos efeitos da tecnologia sobre nossas vidas. Caso seja possível de algum modo identificar que a vida represada em redes sociais de fato tenha acarretado mudanças consideráveis sobre nossa percepção, então invariavelmente nossas formas de representação da realidade também deverão alterar-se consideravelmente. Na verdade, é inevitável que assim o seja. Essa inevitabilidade, porém, não implica que não se possa pensar sobre essas transformações. A filosofia, nesse sentido, propõe-se a realizar essa tarefa, que consiste no questionamento de uma das principais formas de expressão da humanidade, escolhida há algum tempo como a forma por excelência de reflexão sobre suas ações, decisões e características mais essenciais.

Nesse sentido, torna-se possível afirmar que, em certa medida, o cinema, no seu auge, substituiu outras formas correntes de reflexão e representação, como a poesia, a literatura, o teatro e as artes plásticas, tendo se tornado a forma de dramatização predominante das culturas ocidentais pós-modernas. Mesmo o filósofo viu-se muitas vezes obrigado a recorrer ao cinema em busca da compreensão universal de sua época e de seu tempo. Não é, pois, exagero, supor que o cinema constituiu por muito tempo uma ferramenta epistemológica de extrema importância para o filósofo (e mesmo para o cientista), contrariando o antigo preconceito racionalista segundo o qual a arte não produz *episteme*. Assim como as culturas ocidentais aprenderam muito sobre si com os quadros renascentistas, por exemplo,

também a humanidade dos grandes centros urbanos, impulsionada pelos avanços da industrialização avançada, viu-se contemplada nos filmes os mais diversos possíveis, desde *Metropolis*, de Fritz Lang, passando pelo *Grande Ditador* de Charles Chaplin, até as produções hollywoodianas mais recentes. Quando, porém, essa forma específica de representação entra em declínio, é novamente função do filósofo pensar não mais apenas *com* o filme, mas *sobre* o filme; sobre suas especificidades, sua linguagem, sua comunicabilidade, enfim, sua essência. É também nesse sentido que se deve entender a intenção de reunir os presentes textos deste volume em torno de um questionamento propriamente filosófico sobre o cinema, naquilo que decidimos chamar por *cinesofia*.

Gostaríamos aqui, de agradecer imensamente aos autores e autoras que gentilmente se dispuseram a devanear filosoficamente sobre a sétima arte, seja contribuindo com reflexões mais históricas, mais técnicas ou mais autorais.

*Ulisses Razzante Vaccari  
Thiago Kistenmacher Vieira  
Gabriel Debatin*